

Ano 5, Vol VIII, nº 1, pág. 173-184, Jan-Jun 2012

ESCOLHAS VOCACIONAIS DOS JOVENS: PROJETOS PESSOAIS OU PROJETOS FAMILIARES?

Fabiana Soares Fernandes¹ & Carlos Manuel Gonçalves²

Resumo:

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento de profundas mudanças, na qual surgem tarefas e questionamentos que se repercutem sobre o adolescente e a sua família. Uma das tarefas mais relevantes com que o adolescente se confronta é a realização de uma escolha vocacional. Vários são os factores que influenciam essa escolha, uns de carácter mais individualizado como, as convicções políticas e religiosas, expectativas, interesses, valores e crenças, outros com sentido eminentemente contextual e histórico social como, a família, os pares, a escola, os media, a comunidade e a situação social e político-económica do país. A família, como parte fundamental na construção destes projetos de vida, pode influenciar as escolhas presentes e futuras dos adolescentes ao transmitirem interesses, valores, crenças e significados aos filhos, além de, frequentemente, projetarem neles as expectativas que não tiveram oportunidade de realizarem nas suas vidas. Assim, as escolhas não dependem somente das características intraindividuais e expectativas dos jovens, mas estão impregnadas do conhecimento e significados que têm do projeto dos pais, do seu processo de identificação e sentimento de pertença à família, do valor dado às profissões da sua rede de significativos, bem como a maneira como o jovem utiliza e elabora os dados familiares. Este artigo visa promover a reflexão sobre os fatores que podem influenciar as escolhas vocacionais dos jovens, sublinhando que elas se inscrevem e fazem parte de um projeto mais amplo: o familiar (Young et al, 2001; Young, 2004).

Palavras-chave: escolhas vocacionais; jovens; famílias

¹ Aluna do Programa Doutoral em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; membro do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida; Professora da Universidade Federal de Amazonas/Barsil-UFAM;

² Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; Coordenador do Centro de Desenvolvimento Vocacional e Aprendizagem ao Longo da Vida

Abstract

Vocational choices of young people: family projects or personal projects?

Adolescence is a stage in the development of profound changes, in which they come tasks and questions that have an impact on the adolescent and his/her family. One of the most important tasks that the teenager faces is to make a career choice. There are several factors that influence this choice, some of a more individualized character, such as the political and religious beliefs, expectations, interests, values and beliefs, others with an eminently contextual and historical social sense, such as family, pairs, school, media, community and the social and political/economic situation of the country. The family as a fundamental part in the construction of these life projects, can influence the present and future choices of adolescents when transmitting the interests, values, beliefs and meanings to children, besides designing on them, frequently, the expectations they did not have the opportunity to perform in their lives. Thus, the choices depend not only on the intraindividual characteristics and expectations of young people, but they are impregnated with the knowledge and meanings they have about their parents projects, their process of identification and sense of belonging to the family, the value given to the professions of their significant network, as well as the way the young uses and prepares family data. This article aims to promote a reflection about the factors that may influence the vocational choices of young people, stressing that they enroll and are part of a larger project: the familiar (Young et al, 2001; Young, 2004).

Keywords: Vocational choices; Young people; families

A Adolescência

A adolescência é reconhecida como uma fase do ciclo de vida em que o indivíduo passa por diversas transições normativas do desenvolvimento. Muitos costumam até modificar o nome desse período do desenvolvimento identificando-o como a “aborrecência”, uma vez que nessa época o jovem, diante de tantas modificações (físicas, emocionais e sociais) que está passando, em busca de uma identidade, passa a questionar as normas, autoridade, deveres, etc, em ordem a autonomizar-se , reconstruindo os vínculos com as figuras parentais ou dos significativos.

Para Coll *et al* (1995), a adolescência é um momento de recapitulação da infância, de integrar as várias experiências do passado, como memória

histórica, e de projectar um futuro “a partir de um enorme potencial e acervo de possibilidades ativas que o adolescente possui e tem consciência de possuir”. (Coll *et al* 1995, p.290).

De acordo com Santos (2005), esta é uma fase de grandes mudanças, na qual surgem novas questões que se repercutem sobre o jovem e sua família. Uma das mais marcantes é a da realização de uma escolha vocacional, uma vez que está a frequentar o Ensino Secundário e está a preparar-se para ingressar num curso do Ensino Superior e/ou no mercado de trabalho. Esta escolha se apresenta decisiva para a vida dos adolescentes e é vista como uma "*necessidade*" pela família, pela sociedade e por eles próprios (Lucchiari *apud* Santos, 2005).

A escolha vocacional vai interferir no estilo de vida que o jovem passará a ter e poderá lhe proporcionar satisfação pessoal ou não. Ela é construída ao longo do seu desenvolvimento, sofre diversas influências e assume um momento alto quando decide qual o curso superior a que se irá candidatar e qual irá frequentar. Essa construção, no entanto, não parte apenas de um conhecimento a ser adquirido sobre determinadas profissões para subsidiar uma escolha. Para Campos (1989) ela passa por “um desenvolvimento progressivo de exploração e construção de relações do sujeito com o mundo escolar, profissional e social, pontuado por investimentos mais explícitos em certos momentos” (p.406). Envolve gostar ou desgostar; valorizar ou desvalorizar; investir mais ou menos; ter experiências de contato com o mundo escolar e profissional, proporcionadas ou não pela família, escola, amigos; tendo como pano de fundo o contexto social no qual se dão essas explorações e investimentos (Campos, 1989; Campos e Coimbra, 1991). Podemos, assim, perceber que a escolha vocacional está inserida em um projeto macro, o Projeto de Vida.

O conceito de projeto como estruturante do sujeito psicológico teve forte relevância na reflexão filosófica, principalmente nas filosofias fenomenológicas que questionavam a relação existencial do homem com os outros. Para Satre (1943), o homem é um ser desejante, está sempre em falta e por isso está sempre em busca de ultrapassar seus próprios limites, projectando-

se no futuro: “projeto no futuro, para juntar aquilo que me falta e que, sinteticamente acrescentado no meu presente, fará que eu seja aquilo que sou” (Satre, 1943, p.177).

É provavelmente baseados nessa ideia de Satre que inicialmente ao pensarmos em projeto, remetemo-nos para a ideia de lançar-se/projectar-se para o futuro, com orientação. É a busca pelo que se pretende ser e conhecer. É a procura por respostas a interrogações que provocam interesses e inquietações (Machado, 2004). Projectar implica acção, intencionalidade, direcção, objectivos e emoção, em ordem à concretização de expectativas mais profundas do humano num determinado contexto e tempo (Young, 2001/2002).

Para Nascimento (2002), a noção de que o Projeto de Vida configura-se na relação do sujeito com o mundo e remete-nos à constituição do sujeito com a sociedade. Compreende-se que a história de vida de cada um certamente não seria protagonizada sem a presença do outro. Essa presença do outro sugere à ideia de partilha necessária tanto às particularidades da vida de cada sujeito como para a vida em relação. Significa portanto, que o individual e o coletivo estão presentes tanto na subjetividade quanto na objetividade do sujeito. Não existe uma separação, mas uma relação entre essas partes.

A autora cita Heller que afirma que a vida cotidiana é o palco de construção dessas relações em que se produz e se partilha significados sobre si e sobre o mundo no ir e vir do dia a dia. Os indivíduos participam da construção do cotidiano com “todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias e também se transformam” (Nascimento, 2002, p.20).

Nascimento (2002) complementa esse pensamento dizendo que o Projeto de Vida emerge nessa trama complexa de relações, de construção de saberes sobre si e sobre o mundo à medida que significados são partilhados no cotidiano. Significa que existe um espaço comum de intercâmbio entre sujeitos, no qual o sentido da vida de cada um adquire contornos comuns.

Assim, é possível pensar em Projeto no sentido de aspirações, desejos de realizações, que se projectam para o futuro como uma visão antecipatória de acontecimentos, cuja base reside em uma realidade construída na intersecção

das relações que o sujeito estabelece com o mundo, a curto, médio e longo prazo. É, portanto, constituído por um conjunto de aspectos que estruturam o campo psicossocial.

Young (2001/2002) introduz a noção de Projeto como um construto útil para tratar de importantes aspectos da vida familiar, principalmente as ações individuais e coletivas assumidas pelos pais e adolescentes. Seu conceito de Projeto baseia-se na Teoria da Ação, com o pressuposto de uma construção que as pessoas utilizam para organizar e dar sentido ao seu próprio comportamento, bem como o dos outros, e envolve processos cognitivos e emocionais, conscientes ou não, intencionais ou não (Young *et. al*, 2001).

Baseando-se nos conceitos explicitados acima, é possível vislumbrar que as pessoas se envolvem em vários projetos simultaneamente. Alguns tem prioridade sobre outros, e alguns possuem um mesmo nível de prioridade. Um projeto pessoal acontece na inter-relação com outros projetos como os do contexto social e familiar, de forma que os tornam interdependentes. Por mais que a uma primeira vista alguns projetos nos parecem individuais, estes foram socialmente construídos e estão impregnados do contexto social no qual estão inseridos.

Sobre essa relação entre os projetos, Young *et al.* (2001) puderam concluir, por exemplo, que o projeto vocacional se integra e se relaciona com outros projetos familiares, como o projeto relacional, projeto de parentalidade, projeto cultural e projeto de identidade. Dentre esses, o projeto relacional tem apresentado maior relevância no desenvolvimento vocacional dos adolescentes (Young, 2004), o que leva Gonçalves (2008) a destacar a importância de que os pais possam garantir uma boa base emocional a seus filhos, para que se sintam seguros em explorar o mundo e confiantes para realizarem os investimentos vocacionais que embasarão suas decisões.

No que diz respeito ao Projeto Vocacional, o qual pretendemos aprofundar nesse artigo, já é sabido que vários são os fatores que influenciam a escolha vocacional dos jovens, uns de carácter mais individualizado como, as convicções políticas e religiosas, expectativas, interesses, valores e crenças, outros com sentido eminentemente contextual e histórico social como, a

família, os pares, a escola, os media, a comunidade e a situação social e político-económica do país.

As investigações sobre a família como fator de influencia no desenvolvimento vocacional dos jovens não é nova. Na literatura sobre Psicologia Vocacional, Roe (1958) já destacava a influencia dos estilos parentais nas escolhas profissionais dos filhos. Ao longo dos anos as abordagens foram sendo modificadas e as metodologias aperfeiçoadas. No entanto, as pesquisas continuam demonstrando a importância da família na construção dos projetos vocacionais dos filhos. Segundo Dessen e Silva Neto (2000), as publicações sobre a influencia do contexto “família” se intensificaram após a publicação dos trabalhos de Urie Bronfenbrenner, na década de 70. Sua proposta de modelo ecológico do desenvolvimento parece ter proporcionado um enquadramento teórico mais adequado para as investigações sobre o contexto familiar e sua influencia no desenvolvimento vocacional dos filhos (Gonçalves, 2008).

De acordo com Dessen e Polonia (2007) a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados, e por isso tem um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos filhos, uma vez que é no seu seio que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais. Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, é a base da aprendizagem humana, com significados e práticas específicas a um contexto histórico cultural, gera modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. É por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, constituindo fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa.

As autoras ressaltam que as transformações tecnológicas, sociais e econômicas favorecem as mudanças na estrutura, organização e padrões familiares e, também, nas expectativas e papéis de seus membros. Portanto, ela

é a principal responsável por incorporar as transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, delegando aos pais um papel essencial na construção da personalidade de seus filhos e de sua inserção no mundo social e do trabalho. As escolhas vivenciadas pelos filhos no contexto familiar podem acabar por influenciar, inclusive, no juízo de valores acerca das profissões.

Young *et al.* (2001) demonstraram que as variáveis da família (como apego, apoio, dinâmica familiar, desejos, exploração de carreira, etc., investigadas em outros estudos) influenciam nas escolhas vocacionais. Diversos estudos indicam que os resultados da carreira estão profundamente enraizadas nos processos familiares. Eles afirmam que o desenvolvimento de carreira do adolescente não é algo individual. Seus projetos são construídos junto (e com) as suas famílias, e fazem parte de projeto familiar mais amplo.

Um projeto familiar de carreira é gerado dentro da família como parte do papel de “ser pai”. É um projeto levado a cabo pela família, independente das possíveis influências externas, como a escola, os professores, os pares, o psicólogo, etc. Normalmente envolve atividades conjuntas de pais e filhos, orientadas para um objetivo comum (Young, 2001/2002; Young, 2004). Em algumas situações as atitudes dos pais não são conscientemente planejadas como o incentivo à que o filho vá bem na escola e conquiste boas notas, ou comentários aleatórios (positivos ou negativos) sobre determinadas profissões que foram expostas em um telejornal, novela ou filme. Essas últimas são consideradas como ações pontuais (considerando os quatro sistemas hierárquicos da ação, da Teoria da Ação na qual se baseia), mas se forem organizadas por pais e filhos em ações intencionais durante um período relativo de tempo se transformaram em projetos, e esses tornam possível a existência da carreira (Young, 2001/2002).

Quem de nós não conhece histórias de filhos que seguiram determinada profissão por que os pais assim determinaram; porque tinham que dar continuidade aos projetos dos pais; porque já iriam herdar o consultório, escritório ou clientes dos pais; ou ainda para realizar o desejo ou os sonhos que os pais não puderam realizar? Nesses casos estaríamos nos referindo à escolhas

outorgadas por parte dos jovens às figuras significativas (neste caso, aos pais). Mas a influência familiar não se dá apenas em opções outorgadas, pelo contrário, em muitos casos os pais são facilitadores da promoção de experiências de exploração vocacional apoiando os seus filhos nos momento de tomada de decisão, promovendo a autonomia nos processos de escolha (Young *et al*, 2001).

Neste trabalho Young e sua equipe acompanharam durante 06 meses a identificação e construção dos projetos de carreira familiares, com a participação de díades de pais (pai ou mãe e um filho/a). Foi possível constatar como a influencia parental pode ser determinante nas escolhas dos filhos. Num dos projetos acompanhados, relatam que o plano familiar era que a filha se tornasse uma dançarina profissional. Esse objetivo familiar era tão forte, tão envolvente, que a filha mostrou-se concordando com esse plano, como se este fosse “o seu plano”, de forma que não era possível distinguir exatamente até que ponto era um plano dos pais ou da filha em separado. Adotar a dança como profissão ficou registrado como um plano familiar. Em uma outra díade, de origem chinesa, o projeto familiar era explorar a odontologia como opção de carreira. Para esse jovem seguir a odontologia representava um sentimento de pertença e de identificação com o seu patrimônio chinês, ou seja, é ser fiel àquilo que ele percebe como os seus antecedentes culturais, incluindo as crenças, valores e tradições.

Sobre a exploração, em uma díade de pai e filho, a equipe pode perceber que o objetivo era descobrir e estreitar os interesses do filho. Esse pai promovia a participação de seu filho em diversas atividades que lhe proporcionavam maiores conhecimentos de várias profissões. A postura desse pai era de que o filho precisava explorar todas as possibilidades até que gostasse de alguma, porque esse gostar era a coisa mais importante para a sua escolha vocacional.

No que diz respeito à autonomia, em uma díade o objetivo comum de pai e filho era aumentar a autoconfiança do filho e permitir que esse assumisse mais responsabilidades. Essa vontade foi partilhada explicitamente na sessão de identificação do projeto (esse era o primeiro momento da pesquisa). Outra

mãe afirmou ao fim da pesquisa que reconhece que sua filha estava se tornando uma pessoa mais madura ao tomar suas decisões.

Em outro estudo, realizado com a mesma metodologia, Young e sua equipe (2003), agora trabalhando com díades de origem chinesa, encontraram os mesmos dados, ou seja, a projeto vocacional faz parte de um projeto familiar e está interligado a outros projetos, sendo o projeto relacional o que mais uma vez se destaca.

Esses são exemplos positivos e funcionais da influencia da relação pais e filhos na construção dos projetos vocacionais, projetos esses construídos socialmente e imersos nos projetos familiares. Essa impregnação social nas ações desenvolvidas no seio da família é percebida, segundo Gonçalves (2008),

quando conjuntamente se assumem decisões, quando se escolhe entre várias alternativas, quando se planeiam objetivos familiares, quando se compartilham experiências de sucesso ou insucesso familiar. Estas ações são construídas conjuntamente com o contributo de cada elemento da família, mas não é o somatório de cada elemento da família isoladamente, mas cada elemento é o “mapa *mundi*” da interação familiar (Minuchin, 1974), através da “*third thing*” que emerge na interação (Shotter, 1993). (GONÇALVES, 2008, p.105)

Podemos concluir essa comunicação a com o pensamento explicitado por Lucchiari (*apud* Santos, 2005), ao afirmar que o homem precisa de projetos para viver e que, para construí-los, funde o presente, recorda o passado e prevê o futuro. Mas, para que isto ocorra, é necessária a conscientização de si mesmo e a busca de informações no mundo externo, retornando à família. Esses projetos de vida dependem das expectativas dos pais e dos filhos em relação ao futuro, nos seus aspectos conscientes e inconscientes, das motivações e desejos dos pais em relação à escolha profissional dos filhos, que poderão substituir uma escolha que o pai não pode fazer ou superar a situação social no qual a família se encontra.

Assim, as escolhas não dependem somente das características intraindividuais e expectativas dos jovens, mas estão impregnadas do conhecimento e significados que têm do projeto dos pais, do seu processo de identificação e sentimento de pertença à família, do valor dado às profissões da

sua rede de significativos, bem como a maneira como o jovem utiliza e elabora os dados familiares. A escolha profissional é uma oportunidade de provar a lealdade à família e de cumprir com a sua missão não apenas individual, mas familiar.

Implicações para a intervenção psicológica

A confirmação da relevância da influência do contexto familiar no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens e da constatação de que o projeto pessoal se inscreve no projeto familiar, coloca o repto aos profissionais de psicologia que intervêm nesta dimensão do desenvolvimento psicológico, de elaborarem, implementarem e avaliarem projetos de consulta psicológica vocacional que não se circunscrevam apenas ao sistema individual, mas os alarguem aos contextos de vida decisivos e de maior acessibilidade, como a família, para proporcionar aos adolescentes e jovens um contexto securizante, facilitando-lhes oportunidades, experiências e apoios qualificados neste domínio do desenvolvimento psicológico e, simultaneamente, transformando a família num agente dinâmico com protagonismo no desenvolvimento vocacional.

Com o objetivo de potenciar o contexto familiar como facilitador do desenvolvimento vocacional, adiantam-se algumas propostas, entre outras possíveis, de modalidades de intervenção no sistema familiar (Gonçalves, 1995):

a) *educação parental para o desenvolvimento vocacional*: é uma modalidade de intervenção que tem como alvo direto os pais, visando capacitá-los para lidar de forma autônoma e satisfatória com as tarefas do desenvolvimento dos seus filhos, fornecendo-lhes um contexto seguro e promovendo comportamentos de autonomia e de exploração do meio. Assim, procura-se promover o desenvolvimento vocacional, sem que a intervenção incida diretamente nos alunos.

Nestas sessões de intervenção com os pais, poderiam ser refletidas temáticas específicas sobre o desenvolvimento vocacional, como o sistema de

oportunidades de formação e profissões e os problemas atuais e emergentes do mundo do trabalho, como: as novas formas de precarização do trabalho, o desemprego dito estrutural, a globalização e a interdependência das economias, a crescente imprevisibilidade das trajetórias individuais, caracterizadas pela precarização, desrealização e desnormatização...

E ainda, fazer uma exploração sobre quais os valores profissionais que as famílias promovem; avaliar da existência ou não de mitos na família acerca das profissões; verificar se existem tradições familiares, fantasmas ou estereótipos que moldam as atitudes em relação às profissões; perceber como a família se dedica ao trabalho, à família e ao lazer; avaliar se foram estabelecidas algumas fronteiras que limitam a mobilidade profissional; quais os modelos profissionais que emergem quando se olha para a estrutura familiar; procurar identificar se existe em algum significativo da família aspirações ou fantasmas não alcançados, e se os tenta realizar de forma vicariante através dos filhos ou netos; e ainda perceber as representações e crenças dos pais sobre a carreira, a orientação vocacional...

b) *Participação direta dos pais nos projetos de intervenção*, individual ou em grupo, – em momentos específicos do itinerário vocacional, quando o sistema social explícito constrange o indivíduo a fazer escolhas (por ex., o sistema educativo português, impõe uma escolha de formação, após a conclusão do ensino básico) –, que visem o desenvolvimento vocacional. Seria pertinente a participação direta ou indireta dos pais ao longo do projeto de intervenção, para reforçar o seu papel de agentes ativos e qualificados ao longo do desenvolvimento vocacional dos seus filhos.

Referências Bibliográficas.

- Coll, C. Palácios, J. e Marchesi, A. (1995). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. V.1. Porto Alegre: Artmed.
- Campos, B. P. (1989). Intervenção em Orientação Vocacional: Algumas questões de valores. *Revista Inovação*, 2, 403-409.
- Campos, B. P. & Coimbra, J. L. (1991). Consulta Psicológica e Exploração do Investimento Vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Dessen, M. A. e Polonia, A. da C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.

Dessen, M. A. e Silva Neto, N. A. (2000). Questões de Família e Desenvolvimento e a Prática de Pesquisa. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 16 n. 3, p. 191-292, set/dez.

Gonçalves, C. M. (2008). *Pais aflitos, filhos com futuro incerto? Um estudo sobre a influência das famílias na orientação dos filhos*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Machado, N. J. (2004). Projeto de Vida, *Diário do ABC*. Santo André, 14/05/04.

Nascimento, I. P (2002). *As representações dos Projetos de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial*. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Roe, A. (1958). Early determinants of vocational choice. *Journal of Counselling Psychology*, 4, 212-217.

Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicol. Estud.* Maringá, v.10, n.1, jan./abr.

Satre, J. P. (1943). *L'être et le néant*. Paris: Ed. Gallimar.

Young, R. A., Valach, L., Ball, J., Paseluikho, M. A., Wong, Y. S., DeVries, R. J., McLean, H., & Turkel, H. (2001). Career development as a family project. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 190-202.

Young, R. A. (2001/2002). The joint Projects of Parents and Adolescents in Health and Career: Conceptual, Methodological and Practical Application. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 5-15, FPCEUP, Porto.

Young, R. A.; Ball, J.; Valach, L.; Turkel, H. & Wong, Y. S. (2003). The family career development project in Chinese Canadian families. *Journal of Vocational Behaviour* 62, 287-304.

Young, R. (2004). The Parent-Adolescent Relationship as a Joint Project. Paper presented to the Conference of the European Association for Adolescent Research, Porto, Portugal, May 8, 2004.

Recebido em 5/4/2012. Aceito em 30/4/2012.